OS DESAPARECIDOS POLÍTICOS DA DITADURA: O TESTEMUNHO DOS FAMILIARES E SOBREVIVENTES

Jessica Rojas De Lima (jessyka_rlj@hotmail.com)

Paulo Bungart Neto (pauloneto@ufgd.edu.br)

: O artigo aborda narrativas de um dos períodos que mais motivou denúncias e textos testemunhais na literatura brasileira contemporânea que foi o da ditadura militar que vigorou entre 1964 e 1985. Atualmente, ainda estão surgindo muitos relatos e narrativas que fazem vir à tona todo o sofrimento daqueles que passaram por prisões e torturas, sendo que é de extrema importância tratar desses assuntos nos dias atuais para não cair no esquecimento coletivo como os livros: Em busca do tesouro (Alex Polari, 1982); Ainda estou aqui (Marcelo Rubens Paiva, 2015); e Palavras cruzadas (Guiomar de Grammont, 2015). Em ressalva ao último (ficcional), as narrativas memorialísticas tematizam os desaparecimentos, respectivamente, de Stuart Angel Jones (membro da VPR liderada por Carlos Lamarca), e do ex-deputado Rubens Beyrodt Paiva, e questões afetivas e jurídicas ligadas à problemática do desaparecimento e da falta de comprovação oficial de óbito. A ênfase que se pretende estabelecer aqui privilegia obras memorialísticas voltadas para o testemunho dos familiares e/ou de amigos que sofrem a eterna ausência de notícias de seus parentes desde o desaparecimento na época da ditadura militar brasileira, sobretudo no período entre 1968 e 1975 percebendo que os relatos de certa forma são feitos para se libertarem dos traumas das torturas. Os resultados da pesquisa foram, sobretudo, mostrar o quanto esses depoimentos relacionados a ditadura militar e aos desaparecidos ainda estão pouco visíveis na sociedade, assim mostrando objetivamente, o trauma físico e psicológico daqueles que sofreram as torturas ou dos parentes que tem políticos desaparecidos na família. As análises dos romances se concentram na compreensão da quebra de limites entre os discursos ficcional, histórico e memorialístico. Para a compreensão de aspectos conceituais relacionados ao contexto histórico em que se passa a narrativa, a bibliografia utilizada gira em torno de publicações tais como 1968 – O ano que não terminou, do jornalista Zuenir Ventura, e capítulos de autores como Renato Franco (2003), Paulo Bungart Neto (2013; 2014), Elio Gaspari (2003), Márcio Seligmann-Silva (2003) e Dom Paulo Evaristo Arns (1986). Quanto às teorias da memória, são utilizadas referências como Halbwachs (2006) e Lejeune (2008); sobre a relação entre memória e ficção, a pesquisa recorre a capítulos de Antonio Candido (2006) e Hayden White (2001).

Palavras-chave: literatura contemporânea, memórias, ditadura militar